

# O CRUEL CONTEXTO PANDÊMICO NO SUL DA QUARENTENA: A EXPOSIÇÃO DAS ASSIMETRIAS SOCIAIS E VULNERABILIDADES MARGINAIS PERPETRADAS PELO NEOLIBERALISMO

## THE CRUEL PANDEMIC CONTEXT IN SOUTHERN QUARANTINE: THE EXPOSURE OF SOCIAL ASYMMETRIES AND MARGINAL VULNERABILITIES PERPETRATED THROUGH NEOLIBERALISM

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020. 32p.

Palavras-chave: Pandemia. Coronavírus. Neoliberalismo. Vulnerabilidade. Colonialismo. Patriarcalismo.

Gláucia Fernanda Oliveira Martins Batalha\*  
 Andréa Joana Sodré de Sousa Garcia\*\*

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos – autor de uma vasta obra e reconhecido nas áreas de sociologia do direito, sociologia política, epistemologia e estudos pós- coloniais/decoloniais, movimentos sociais, globalização, democracia, direitos humanos, dentre outras –, publicou em abril de 2020, no auge da crise pandêmica do coronavírus, o livro *A cruel pedagogia do vírus*.

A obra resenhada compõe a coleção *Pandemia Capital* da Boitempo, donde ati-

vistas e intelectuais edificam reflexões críticas acerca das mazelas e dos abismos sociais expostos e potencializados a partir do surto da Covid-19, que vem assolando o mundo inteiro.

É nesse sentido que segue Boaventura de Sousa Santos, a nos revelar, através do cenário extraordinário que o vírus imprimiu globalmente, questões importantes e contribuições profícuas para compreender os efeitos nefastos do capitalismo neolibe-

\* Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil. E-mail: gformartinsbatalha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0458-03>.

\*\* Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil. E-mail: garcia.andreajoana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2727-0508>.



ral como modelo econômico, político e social de Estado.

Além de denunciar tal modelo como inviável do ponto de vista biológico, econômico, político e social, o autor nos aponta para a necessidade de construirmos um caminho que reveja nossa relação com a natureza e que rompa com esse sistema que incessantemente naturaliza e legítima assimetrias, invisibiliza vulnerabilidades, e amplia injustiças e exclusões sociais.

Caso contrário, estaremos fadados ao espalhamento de epidemias muito mais letais e, diferentemente de seu significado,<sup>1</sup> que nos leva a acreditar numa consciência de comunhão mundial, as pandemias futuras, assim como a do coronavírus, terão seus alvos privilegiados, afetando de forma mais implacável e desumana os grupos sociais que compõem o sul global<sup>2</sup>.

Considerando o contexto social, econômico e político, a obra *A cruel pedagogia do vírus* nos proporciona, em cinco capítulos, riquíssimas discussões e ponderações em torno dos enfiamentos e dos desdobramentos da situação anômala implantada, ou melhor, agravada pela atual pandemia.

No primeiro capítulo “Vírus: tudo que é sólido desmancha no ar”, Boaventura de Sousa Santos expõe efeitos/repercussões relacionadas ao espalhamento da Covid-19. Nesta perspectiva, o autor inaugura o primeiro capítulo evidenciando que o surto pandêmico não pode ser tido como

uma situação de crise oposta a uma situação de normalidade, haja vista considerar que o mundo tem vivido uma crise permanente desde que o neoliberalismo se estabeleceu e avançou como uma versão dominante do capitalismo.

Conforme Sousa Santos, à medida que se torna perene, a crise é trasmudada no argumento que viabiliza o modelo econômico, justifica as políticas neoliberais e legítima as violações ambientais e assimetrias/degradações sociais. Em verdade, o que o autor objetiva nos alertar com este panorama é que a pandemia apenas acirrou a situação de crise já vivenciada pela população mundial desde a década de 1980.

Não só isso. Para além do agravamento da crise permanente, Sousa Santos problematiza o modo de vida imposto pelo hipercapitalismo. Para o autor, a realidade pandêmica nos exigiu transformações drásticas – como ficar em casa, se deleitar com a leitura de um livro e ter tempo si e para família –, o que nos desvelou ser possível uma outra forma de existência humana, vivência esta apartada do consumismo desenfreado e da racionalidade mercantil.

Diferentemente da revelação de outras alternativas de modo de vida, o autor considera que a irrupção do coronavírus tem o condão de dissipar a aparente sensação de segurança que algumas classes sociais possuem e faz despontar, drasticamente, a fragilidade de ser humano.

1. Nos termos indicados por Boaventura de Sousa Santos, a etimologia da palavra “pandemia” é definida por “todo povo”. Todavia, o autor entende que se cria com este significado uma falsa consciência democrática de que todos estão num mesmo patamar de igualdade, e que o vírus não faz diferença e nem tem alvos mais vulneráveis.

2. Tal expressão é utilizada de forma metafórica pelo autor e não exprime exclusivamente uma questão geográfica. Em verdade, o objetivo de Boaventura de Sousa Santos, ao demarcar a noção de “sul global”, é de enfatizar o sofrimento humano, a exclusão, o silenciamento e a injustiça social promovida pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual nas regiões e países que predominam essas características.

Outros efeitos decorrentes do surto pandêmico estão relacionados à diminuição da poluição atmosférica com o abrandamento das atividades econômicas e a multiplicação das zonas de invisibilidades, nas quais está grande parte da população global que padece de uma situação de extrema vulnerabilidade (como por exemplo, os refugiados e imigrantes detidos).

Partindo para o segundo capítulo da obra, intitulado “A trágica transparência do vírus”, o autor assevera que a tratativa da pandemia em sociedades capitalistas é norteada pelo aspecto econômico e não social, ocupando o modelo capitalista – o comando das relações sociais e políticas.

Nesse prisma, o cenário pandêmico tira da invisibilidade<sup>3</sup>, colocando sob os holofotes, inimigos que, até então ocultos, fragilizam reiteradamente a vida humana, ainda fortalecem o poder exploratório do mercado e as formas imbricadas de dominação, quais sejam: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcalismo.

Sousa Santos lança mão da alegoria do “unicórnio” de Leonardo Da Vinci com o fito de revelar tais antagonistas invisíveis. Para o autor, a pandemia traz à tona a visão binária de superiores e inferiores, e também a sagacidade e astúcia das formas de dominação, predominantes desde o século XVII, que estruturaram a lógica de funcionamento e organização das sociedades perpetrando a exploração e a realidade de injustiça social mundo afora, além de aprofundar os abismos e fraturas sociais com a opressão de gênero, do racismo e da precarização dos sujeitos subalternizados.

Ao iniciar o terceiro capítulo, designado “A Sul da Quarentena”, o autor pronuncia o seguinte alerta: “Qualquer quarente-

na é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros” (SOUSA SANTOS, 2020, p.15)

Nesta seção, Sousa Santos prioriza discurrir sobre a experiência de coletivos sociais que mais têm sofrido com o capitalismo, o colonialismo e o patriarcalismo e que terão sua situação de precariedade acentuada no contexto pandêmico. São eles os idosos, as mulheres, os trabalhadores precários, os sem-abrigo, os moradores em bairros periféricos e degradados, os quilombolas, os indígenas, os refugiados, os presos, os deficientes, os doentes mentais etc.

Ao analisar a quarentena e as medidas de isolamento, orientadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) à luz da realidade dos grupos subalternizados, o autor expõe as assimetrias sociais e vulnerabilidades marginais perpetradas pelo neoliberalismo, já que, segundo Sousa Santos, parecem ter sido elaboradas para uma ínfima parte da população mundial que pode ficar em casa e que não é obrigada, pelas condições e privilégios estruturais, “escolher” “morrer de vírus ou de fome”, ou “morrer de vírus ou de violência doméstica”.

O texto nos permite evidenciar que se trata de ledão engano pensar que, com o surto viral, todos os sujeitos foram alçados a um patamar democrático de igualdade. De forma alguma. O autor nos adverte que aqueles que já padeciam das mazelas da desigualdade terão sua situação seriamente agravada e cruelmente invisibilizada como espalhamento do coronavírus. A quarentena não apenas torna mais expostos e visíveis, como reforça a discriminação, a exclusão social e o sofrimento injusto dos que estão no sul da quarentena.

3. Sousa Santos sinaliza que, em que pese sejam onipresentes na vida dos indivíduos e da sociedade, o capitalismo, o colonialismo e o patriarcalismo são invisíveis em sua essência e articulação, e que tal invisibilidade decorre da naturalização inculcada por meio da educação e da doutrinação incessantes.

No quarto capítulo, nomeado de “A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições”, o autor prescreve e avalia seis lições extraídas da conjuntura pandêmica, passíveis de serem apreendidas tanto pelos indivíduos quanto pelos Estados.

A “Lição 1: *O tempo político e midiático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre*” nos atenta para o fato de que crises graves e agudas, como a da pandemia do coronavírus, mobilizam a mídia e os poderes políticos para implantação de medidas paliativas que tratam as consequências, mas que acabam por não solucionar a causas. Sousa Santos considera que as pandemias, tais como as manifestações de catástrofe ecológicas, são punições relacionadas à adoção do modelo de exploração sem limites dos recursos naturais, que violam, de maneira fatal, o lugar da humanidade no planeta Terra.

No que atine à “Lição 2: *As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga*”, o que o autor objetiva, e que nos fazer refletir, mais uma vez, é a lógica tratada no capítulo terceiro, qual seja, de que a pandemia é desigual e segregativa no que diz respeito à sua prevenção, expansão e mitigação, uma vez que inúmeros coletivos subalternizados não estão em condições de se defender do vírus, estando mais suscetíveis aos efeitos decorrentes da sua infecção.

Na “Lição 3: *Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro*”, Boaventura de Sousa Santos defende novamente a alegação de que o modelo neoliberal, mais especificamente a versão vigente combinada com o domínio do capital financeiro, está fadado ao fracasso. Para o autor, o capitalismo poderá subsistir como um modelo econômico de produção, distribuição e consumo, mas não como único e nem como o que conduz a lógica de ação do Estado e da

sociedade, pois as políticas neoliberais minam e debilitam a atuação do Estado, deixando-o incapaz de se defender e de reagir eficazmente frente a crises humanitárias, como a que estamos vivenciando com o espalhamento da Covid-19.

Por sua vez, na “Lição 4: *A extrema direita e direta hiperneoliberal ficam definitivamente descreditadas*”, o autor espera que, em decorrência das falhas cometidas no combate da presente crise humanitária (ocultamento de informações, negacionismo científico, minimização dos efeitos da pandemia etc.), os governos de extrema-direita ou de direita neoliberal estejam passando por um processo de descrença, à medida que as pessoas percebam e tenham consciência de sua exclusiva preocupação para com os objetivos econômicos e financeiros e não com devastadores efeitos sociais e globais da pandemia.

Na “Lição 5: *O colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda*”, Sousa Santos desnuda repetidamente a força atroz da marginalidade e da vulnerabilidade que o colonialismo e o patriarcado impõem aos corpos racializados e sexualizados. São estes os corpos mais expostos, desprotegidos e passíveis à contaminação do vírus. São estes os corpos que se quedam donde os cuidados para com a saúde são inexistentes e nunca chegam: favelas, periferias, aldeias, campos de internamento de refugiados, prisões etc. São estes corpos que desenvolvem as tarefas e trabalhos que englobam mais riscos. São estes os corpos socialmente mais desvalorizados em que a luta pela sobrevivência pode ser esquecida, negligenciada e descartada.

Por fim, na “Lição 6: *O regresso do Estado e da comunidade*”, o autor evidencia que na esteira da construção da sociedade neoliberal foi dada prioridade absoluta ao princí-

pio do mercado em detrimento do Estado e da comunidade. Todavia, Sousa Santos acredita que a pandemia da Covid-19 nos ensina sobre o imprescindível retorno do Estado e da comunidade como princípios reguladores da sociedade moderna, dimensões estas fundamentais e que foram desprezadas pelas regras capitalistas que legitimam insidiosamente a mercantilização da vida coletiva e incapacitam o Estado para reagir às emergências e enfrentar, de maneira satisfatória, pandemias e crises globais futuras.

Neste cenário, Sousa Santos concebe o último capítulo intitulado “O futuro pode começar hoje” com o propósito de revelar que a pandemia e a quarentena nos apresentam novos possíveis modos de viver, de consumir e de conviver.

E mais, que a construção dessas novas alternativas caminham em direção a um processo político e civilizatório em que a humanidade assuma uma posição mais humilde e menos destrutiva no planeta que habita.

Além disso, sugere o autor, que apenas com um giro epistemológico, cultural e ideológico que fundamente as soluções políticas, econômicas e sociais, e que respeite a natureza como nossa mãe originária, já serão viáveis à continuidade e à subsistência da vida humana digna no planeta.

Para Sousa Santos, não há esperança e não haverá “cura” para esse mal perpetuado pela “tríade da dominação” se não formos capazes de superar a quarentena causada pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual. Apenas quando superarmos esta quarentena, estaremos livres e protegidos das quarentenas provocadas por pandemias.

Do exposto, concluímos que, em que pese ser pequena em páginas, a obra resenhada é de desmedida profundidade e relevân-

cia, pois além de nos permitir compreender as nuances do surto viral que acomete a humanidade em nível global e repensar o futuro pós pandemia, suscita discussões e considerações urgentes nas dimensões políticas, sociais e econômicas. Outrossim, o livro serve de chave analítica para interpretar a realidade brasileira, donde o Estado Democrático e o seu papel de controle da pandemia encontra-se ameaçado, dentre outras mazelas, pela priorização econômica, mercantilização da vida, pelas zonas da invisibilidade e vulnerabilidade, pela indústria de *fake news*, pelo obscurantismo e negacionismo científico.

## Referências

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020.

Recebido em: 08/11/2021

Aprovado em: 21/01/2022

